

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
28 de novembro de 2025

JUSTA / 2025

UM FILME DE TERESA VILLAVERDE

ARGUMENTO, REALIZAÇÃO TERESA VILLAVERDE DIRECÇÃO DE FOTOGRAFIA ACÁCIO DE ALMEIDA MONTAGEM TERESA VILLAVERDE, CLARA JOST DESENHO DE SOM VASCO PIMENTAL SOM DIRECTO OLIVIER BLANC MISTURAS DE SOM JOËL RANGON DECORAÇÃO JOANA VILLAVERDE FIGURINOS PATRÍCIA DÓRIA 1º ASSISTENTE DE REALIZAÇÃO PAULO BELÉM

COM BETTY FARIA, MADALENA CUNHA, FILOMENA CAUTELA, RICARDO VIDAL, ALEXANDRE BATISTA, ROBINSON STÉVENIN, ANABELA MOREIRA, LUÍSA CRUZ, FRANCISCO NASCIMENTO, JOÃO PEDRO VAZ

PRODUÇÃO TERESA VILLAVERDE, DANIEL CHABANNES DE SARS, CORENTIN DONG-JIN SÉNÉCHAL, CÉCILE VACHERET PRODUÇÃO EXECUTIVA JOANA BRAVO

UMA PRODUÇÃO ALCE FILMES E EPICENTRE FILMES COM O APOIO FINANCEIRO DE INSTITUTO DO CINEMA E DO AUDIVISUAL E COM O APOIO DE EURIMAGES E AIDE AUX CINÉMAS DU MONDE E COM O APOIO FUNDO DE APOIO AO TURISMO E AO CINEMA PIC PORTUGAL E VISIT PORTUGAL COM O APOIO RADIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL COM O APOIO FINANCEIRO DO CENTRE NATIONAL DU CINÉMA ET DE L'IMAGE ANIMÉE E DO INSTITUTO DO CINEMA E DO AUDIOVISUAL - AIDE À LA COPRODUCTION D'OEUVRES CINÉMATOGRAPHIQUES FRANCO-PORTUGAISES COM APOIO FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN EM CO-PRODUÇÃO COM LE FRESNOY STUDIO NATIONAL DES ARTS CONTEMPORAINS E MICRO CLIMAT STUDIOS VENDAS INTERNACIONAIS PORTUGAL FILM DISTRIBUIÇÃO EM PORTUGAL ALCE FILMES CLASSIFICAÇÃO M/12 CÓPIA: DCP, cor, DURAÇÃO: 108 minutos

A antestreia do meu primeiro filme “A Idade Maior”, 1990, foi aqui na Cinemateca, depois nunca mais voltou a ser aqui.

Como já disse muitas vezes, a cinemateca foi o meu lugar de aprendizagem, o primeiro. Dei uma grande volta para chegar aqui de novo. Nestes anos muita coisa mudou. E mudei também eu e a Cinemateca.

Quando eu vinha cá todos os dias ainda havia o João Bénard da Costa, e quem cá vinha cruzava-se muitas vezes com ele porque muitas vezes era ele quem apresentava as sessões. Só havia uma sala de projecção. Havia um bar com um balcão, que devia ter um metro e meio de comprimento, onde se serviam cafés, e uns três ou quatro bolos meio perdidos lá em cima.

Quem se ocupava do bar era a mesma pessoa que estava à porta a controlar as entradas para o cinema. Parece a descrição de um lugar desolado, mas nada disso. Havia às vezes filas para comprar bilhetes que iam até à Avenida da Liberdade. A sala esgotava muitíssimas vezes, o que fazia com que um grupo de pessoas, onde eu me incluía, ficassem à porta a reivindicar entrada mesmo sem bilhete. Tentávamos convencer o responsável pelo bar, e controlo de entradas, a deixar-nos entrar. E ele dizia sempre que não tinha autorização para isso, que só o Dr. Bénard da Costa, ou o Sr. Engenheiro (José Manuel Costa) é que podiam dar essa autorização. E eles quase sempre que estavam davam, mas alguém tinha que os avisar do pequeno tumulto à porta, se ninguém os avisasse nada feito. Quando entrávamos com a sala já esgotada, sentava-mo-nos no chão, às vezes éramos imensos.

Lembro-me perfeitamente de um episódio que me aconteceu na abertura do ciclo do Nick Ray. O meu pai era jornalista de política internacional, e por causa disso, recebia muitas vezes convites de embaixadas para isto ou para aquilo. Uns dias antes de começar o ciclo do Nick Ray, o

meu pai tinha sido convidado para um evento na Cinemateca organizado pela embaixada da Índia. O convite, em cartão, ficou lá em casa, e eu tinha a certeza que o ciclo ia ter as sessões esgotadas e eu queria absolutamente ir a abertura. Sem jeito nenhum para trabalhos manuais, não sei bem como fiz, tentei transformar o cartão num convite para a abertura do ciclo do Nick Ray. Cheguei e entreguei o cartão ao controlador das entradas, ele disse que aquilo não era válido e que eu não podia entrar. Não aceitei o veredicto, e não larguei o controlador até ele decidir chamar o Sr. Engenheiro. O José Manuel Costa veio e ficou ali um tempo a olhar para aquele cartão da Embaixada da Índia, todo rabiscado, e para mim. E depois disse ao controlador que o convite não só era válido para a abertura como para o ciclo todo.

Não tenho memória nem de cheiro de bolos nem de jardins, só tenho memória do cheiro a cortiça que naquela altura tinha a cinemateca.

Quando disse que gostava de fazer esta antestreia aqui, parecia como quando uma coisa nos sai assim da boca sem pensar, e que não tem para nós uma importância por aí além. Engraçado como o nosso inconsciente às vezes faz o trabalho por nós.

Foi muito difícil fazer este filme, levou muito tempo: tempo até ter a certeza da escrita. Como também o produzi: tempo para conseguir o dinheiro necessário para o fazer como eu pensava que devia ser feito.

A rodagem foi o mais fácil, as primeiras duas semanas foram quase de descanso se comparadas com o que vinha de trás. Tive uma equipe fantástica que estive do meu lado sempre. Actrizes e actores que dava gosto dirigir, sem angústias. Depois a pós-produção foi infernal, por mil razões outra vez muito tempo.

No cinema há aquela máxima que diz que todos os males vêm por bem, não deixei de acreditar nisso, mas que foi duro, foi. Na altura não me dei conta, mas acho que se calhar quase morri de exaustão. A verdade é que não morri, e tirando uma coisa ou outra, fiz o filme que queria fazer.

Vim aqui fazer a antestreia portuguesa do meu primeiro filme que quem sabe até em mais do que num plano ou outro, esse e este filme se assemelhem. Talvez no “A Idade Maior” houvesse já o desejo inconsciente de um dia ter mão para fazer o “Justa”. Sei que todos os meus filmes foram sustentados na emoção, e que a mão da razão só a ganhei agora. E agora sei que foi por isso que quis que a antestreia fosse aqui porque aqui é a casa de partida.

Não sei o que vou fazer com esta mão que ganhei agora. Faltam-me aqui duas pessoas para me explicarem o que aconteceu e para me ajudarem a prever a minha evolução como cineasta, o José Álvaro Morais, e o Eduardo Prado Coelho. Quem sabe nem concordariam com o que eu disse sobre emoção e razão. Sou a pessoa que pior me interpreta.

Mas sinto que dei uma volta grande e não sei se não fiz um círculo. Se fiz, tomara que eu saiba gatafunhar um caminho para sair daí e ir parar a um lugar desconhecido para começar de novo.

Agradeço muito a todas as pessoas que me acompanharam do princípio ao fim na construção do “Justa”, em especial à Joana Bravo que mesmo com medo se atirou para a frente para me ajudar a produzir o filme.

Hoje é um dia de festa porque é a estreia do nosso filme, são os paradoxos da vida. Digo isto porque o filme parte de uma tragédia que podia não ter acontecido, e não se fazem festas em cima disso.

E em especial uma pessoa não me sai da cabeça, a Nádia Piazza.

Teresa Villaverde